

COMUNIDADES VIRTUAIS E APROPRIAÇÃO TECNOLÓGICA: ANÁLISE DE UM BLOG DO MOVIMENTO HIP-HOP

Luiz Fernando Gomes (UFAL/UNICAMP)
luiz.gomes39@gmail.com

Introdução

O presente trabalho está inserido nos estudos sobre letramento digital e apropriação tecnológica e traz reflexões sobre a formação de uma comunidade virtual num blog ligado ao movimento hip-hop, com vistas à promoção de ações sociais. O objetivo é compreender de que forma os moradores de um bairro periférico da cidade de Sorocaba (SP) se apropriam das tecnologias informáticas a fim de formar uma comunidade virtual. A hipótese é que o homem, como ser social, busca naturalmente inscrever-se em comunidades e que as tecnologias atuais potencializariam as estratégias de luta e participação social. O texto apresenta uma primeira parte onde são discutidos os conceitos teóricos desse estudo, saber: comunidades, redes de relacionamento, capital social e apropriação tecnológica. Na segunda parte, traz uma análise do blog <http://posserimaerevolução.blogspot.com> e de como ele foi utilizado.

1. Comunidades virtuais

Esse estudo começou, no âmbito teórico, tentando deslindar o conceito de comunidade, que sempre foi algo difuso e polêmico, tendo passado por várias ressignificações através dos tempos, de acordo com as mudanças nos cenários mundial e local. Na verdade, percebemos que nunca esse termo foi tão utilizado e também tão banalizado quanto hoje em dia, tendo quase se esvaziado. De fato, a superutilização do uso do termo parece sugerir que o lugar onde os mais abastados moram é denominado condomínio, abaixo vêm os bairros onde reside a classe média e onde menos favorecidos moram convencionou-se designar genericamente de comunidade.

A noção de comunidade esteve sempre ligada à manutenção dos valores, aos sistemas de controle e vigilância e à estrutura de apoio entre seus membros. Para Vannucchi (2004), o termo comunidade remete a uma forma intencional de vida em que as pessoas assumem o mesmo encargo, ou ainda a um grupo humano identificado por determinadas obrigações e certos compromissos, em função de uma mesma finalidade.

Porém, com a urbanização, a divisão do trabalho e a tecnologia (transportes, por exemplo), as comunidades tornaram-se dispersas e mantidas, principalmente, por laços informais de sociabilidade, apoio e identidade, ou seja, por redes sociais, enfraquecendo, mas não excluindo, necessariamente, a identificação geográfica anterior e a necessidade de um território em comum. Por exemplo: jovens amantes de um determinado grupo musical podem deslocar-se de suas casas, em bairros diferentes, em direção a um clube onde todos se encontram para ouvir e conversar sobre o referido grupo musical. Têm a mesma afinidade, mas estão geograficamente dispersos.

Mas, como esclarece Gohn (2004), atualmente, a comunidade deixou de ser apenas civil, para envolver múltiplos agentes, inclusive da esfera pública, ONGs, universidades e outros “parceiros” do desenvolvimento local. A autora alerta para a existência de uma visão romântica do termo, que revela o desejo de retorno a um estilo de vida perdido na sociedade capitalista de massa. Paradoxalmente, essa aspiração parece retornar nas propagandas de residências em condomínios, cujos moradores, ao compartilhar churrasqueira, play ground, área verde, proteção e segurança, recriam o imaginário de um ambiente comunitário (sem citar esse nome, que como vimos, está mais associado à pobreza!).

O uso do termo “comunidades” no plural, segundo Gohn, denota a diversidade de agrupamentos humanos e de culturas e, portanto, de força local organizada. “O poder da comunidade passa a ser visto como parcela da sociedade civil organizada” (idem, p. 45). Dessa forma, ela dialoga com o poder constituído e “parte de sua força vem de sua interação” (idem, ibidem). O território, conclui a autora, além de ser uma categoria geográfica, passa a ser o local das práticas políticas e das relações de poder.

Talvez seja essa uma das razões pelas quais, como veremos mais adiante, as chamadas comunidades virtuais aqui estudadas não prescindem de uma origem e base geográfica física e por que as lutas sociais que elas (tentam) empreender no espaço virtual carecem de um território também físico, real. Não havendo isso, não passam de espetáculo, cuja visibilidade é aproveitada pelo poder contra quem lutam.

As comunidades virtuais são, de acordo com Levy (2002) uma nova forma, rizomática e transitória de se fazer sociedade. Ela é despreendida de tempo e espaço e baseia-se muito mais na cooperação e trocas objetivas do que na permanência de laços.

Ressaltamos que a territorialidade é, possivelmente, um dos elementos mais fortes das comunidades tradicionais e o pomo da discórdia, nas comunidades virtuais. Se as comunidades virtuais, assim como as não virtuais, podem ser constituídas tendo o território como elemento em comum (bairro, cidade, estado, país), elas também podem ser constituídas com base em outras afinidades, tais como: gosto por um conjunto musical, ideais pessoais ou coletivos em comum e hobbies, por exemplo.

Porém, o fato de a territorialidade - física e geográfica - ser um elemento fundamental para o estabelecimento das comunidades na modernidade, talvez se devesse ao fato de que as pessoas transitavam em ambientes fechados (casa, escola, fábrica, hospital, etc.) e a subjetivação fosse produzida nesses ambientes de forma linear, já que cada ambiente, através de seus sistemas de controle e vigilância, moldava os “corpos dóceis” (ESPERANDIO, 2007). Entretanto, na pós-modernidade (Jameson, Lyotard, Maffesoli, entre outros), os dispositivos de produção da subjetividade não se limitam a espaços fechados, pois o indivíduo não é mais um sujeito confinado, embora o sistema de controle permaneça, agora, por imperativos disseminados pela mídia, dentre os quais os ideais de saúde, beleza, sucesso, etc. Despertam-se o desejo pela mercadoria e pelo consumo de objetos e de mundos que tragam a ilusão de pertença. Dessa forma, o outro passa ser visto também como objeto de consumo, “a partir da instrumentalização de si mesmo e do semelhante como objeto adequado para o gozo.” (ESPERANDIO, 2007, P.69). A satisfação pessoal aqui e agora moldaria, assim, as escolhas e “o cuidado de si desvinculado do cuidado do outro” inaugura um estilo de vida voltado para si mesmo. Para Bauman (2003) essas seriam características de uma comunidade que ele chama de estética, a qual ele contrapõe à comunidade ética.

Segundo o autor, por força da mídia, ambas acabam se misturando, de forma que muitos procuram a comunidade estética quando desejariam integrar a comunidade ética.¹

Se o elemento fundamental das comunidades tradicionais era o território, isto é, o espaço geográfico em que as comunidades se articulavam; no caso das comunidades virtuais esse território é virtual. Mas, como bem argumenta Recuero (2001), a comunidade mesmo desterritorializada necessita de uma base, um local de referência, um ponto de encontro, mesmo que simbólico, tal como um site ou um blog, por exemplo. É nesse ponto, esclarece ela, que “uma porção de atividade significativa ocorre.” (2001, p.5)

Convém lembrar que as características das comunidades virtuais são tributárias, em grande parte, das potencialidades tecnológicas, que através do acréscimo de funcionalidades e da criação de novas ferramentas de comunicação possibilitam a consolidação de algumas práticas, ao mesmo tempo em que incitam novas formas de participação e de compartilhamento.

Para finalizar, digamos que há quem entenda (Castells, Ugarte, Costa) que as relações mediadas por computador assemelham-se mais a redes que a comunidades. Vejamos como Costa (2005, p. 247) resume essa ideia:

É exatamente essa ambigüidade produzida pelo conceito de comunidade que a noção de rede social vem contornar. Não se trata mais de definir relações de comunidade exclusivamente em termos de laços próximos e persistentes, mas de ampliar o horizonte em direção às redes pessoais. É cada indivíduo que está apto a construir sua própria rede de relações, sem que essa rede possa ser definida precisamente como “comunidade”.

2. Capital Social

Faremos uma breve conceituação de capital social, a fim de oferecer sustentação à ideia de que o blog aqui estudado tem sua existência e manutenção relacionadas ao capital social, ou seja, aos recursos que conseguem mobilizar e, ao mesmo tempo, ao retorno que o pertencimento às afiliações oferece a cada membro.

Bourdieu é considerado por muitos o primeiro a falar sobre o capital social, definido por ele como sendo “o conjunto de recursos, efetivos ou potenciais, relacionados com a posse de uma rede durável de relações, mais ou menos institucionalizadas, de interconhecimento e de reconhecimento” (BOURDIEU, 1998, p. 28). Esse capital é fruto das relações humanas e está presente em todas elas. Ele depende do tamanho e da força das relações, assim como da importância de seus membros. Para Coleman (1990), com o capital social é possível se realizar coisas que não seriam possíveis sem ele. Assim, ele pertence a cada elemento do grupo, mas só pode ser utilizado coletivamente.

O capital social depende do investimento de cada um no grupo e da força dos laços sociais. Sem o investimento na força e manutenção dos laços, o capital social enfraquece e tende a acabar. O investimento se dá na forma de participação, num esforço de sociabilidade. Numa comunidade onde as pessoas não comparecem e não agem conjuntamente, não há capital social e ninguém acaba tirando proveito das relações.

¹ As características das comunidades ética e estética são bem discutidas por Bauman, nas páginas 62 a 68, de seu livro “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual”. Ed. Zahar, 2003.

3. Apropriação tecnológica

Segundo André Lemos (2002, p.259), “a apropriação tem sempre uma dimensão técnica (o treinamento técnico, a destreza na utilização do objeto) e uma outra, simbólica (uma descarga subjetiva, o imaginário).” A apropriação, continua ele, é uma forma de aprendizagem e domínio técnico e uma forma de desvio, subversão em relação às instruções de uso, às finalidades previstas pelas instituições. As apropriações que fazemos do computador e seus usos domésticos e profissionais e das linguagens verbal, visual, gestual e sonora ocorreriam, dessa forma: aprendemos a utilizar, mas do nosso jeito e depois subvertemos.

Buzato (2009, p.3-4) discute muito bem o conceito de apropriação. Baseando-se em Rogoff, explora três sentidos aplicáveis ao termo apropriação. No primeiro deles, a tecnologia é algo externo, ou seja “as tecnologias são elementos externos que carregam habilidades e conhecimentos passíveis de serem transmitidos para dentro do indivíduo, produzindo mudanças internas nele.”

No segundo sentido: a apropriação pode ser vista como transformação, isto é, “a tecnologia é algo externo ao indivíduo que é importado e transformado para servir aos propósitos desse indivíduo (...)” (BUZATO, 2009, p.3-4)

No terceiro sentido, Buzato, ocorreria a apropriação participativa (*participatory appropriation*), na qual ao participarem de atividades em que a tecnologia é relevante, os indivíduos adaptam e modificam o seu significado por meio da interação social e negociação de sentidos. A apropriação torna-se um sinônimo de transformação.

Os letramentos são, portanto, uma forma de apropriação das linguagens e dos meios. Quando falamos em meios digitais, consideramos o letramento digital como algo ligado às nossas atitudes e que nos torna capazes de combinar o meio com tipo de mensagem ou informação e a audiência. Isso implica saber blogar, tuitar, remixar imagens e sons, manter conversação online, entre uma miríade de outras atividades midiáticas.

4. O hip-hop

Hip-hop significa, literalmente, movimentar os quadris (to hip) e saltar (to hop). A expressão foi criada em 1968 pelo o disc-jóquei (DJ) norte-americano Afrika Bambaataa para nomear os encontros dos dançarinos de break , DJs, MCs e grafiteiros nas festas de rua do bairro do Bronx, em Nova York.

A literatura registra que o movimento hip-hop, influenciado pelas idéias da militância negra de Malcon X, Martin Luther King e d’Os Panteras Negras, nasceu com um caráter ideológico de contestação política, uma vez que surgiu em meio à contracultura norte-americana. O movimento hip-hop tem entre seus princípios ideológicos, “a autovalorização da juventude negra por meio da recusa consciente de certos estigmas (violência, marginalidade) associados a essa juventude imersa em uma situação de exclusão econômica, educacional e racial.” (ROCHA, DOMENICH E CASSEANO, 2001, p. 18). O veículo para a conscientização de sua realidade e para sua possível transformação seriam os quatro elementos do hip-hop: dança, grafite, DJ (Disc Jockey) e MC (Master of Ceremony).

A dança, denominada *break* simula o movimento dos corpos de pessoas feridas na guerra do Vietnã, e também faz alusão às hélices de um helicóptero em ação. No grafite, as pinturas com as idéias e as críticas do movimento são feitas em muros e

fachadas de prédios, demarcando o espaço de ação do grupo. O rap (rythm and poetry) é a “palavra” disseminada pelos MCs. Cabe aos DJs a mixagem de vários sons extraídos de discos de vinil, que fazem a trilha sonora para o improviso dos rappers.

No Brasil, o hip-hop chegou no início da década de 1980 com os famosos “bailes blacks”, que juntavam curiosos para ver dançarinos de roupas largas e cabelo estilo “Black Power”. O movimento logo foi aceito nas favelas e subúrbios brasileiros, difundido por Thaíde & DJ Hum. Ele se firma, mesmo, em 1997, com o lançamento do disco “Sobrevivendo no Inferno”, do grupo paulistano Racionais MC’s, do rapper Mano Brown. O movimento, seguindo o exemplo americano do bairro novaiorquino Bronx, costuma se organizar em “posses” - famílias forjadas que por meio da arte apoiam-se mutuamente. Há várias tendências: Hip-hop Gospel, Feminino, Radical, Social e Hip-hop Gangsta.

5. Procedimentos Metodológicos

Inicialmente, a fim de ter uma ideia do universo das comunidades existentes, realizamos uma busca no Google pela palavra-chave “comunidades”. Retornaram 174 milhões de resultados, aproximadamente. Refizemos a pesquisa com a expressão “comunidades virtuais”; retornaram cerca de 550 mil resultados. Decidimos restringir mais um pouco e, devido ao nosso interesse por questões referentes ao acesso e usos que pessoas de localidades menos favorecidas fazem da internet, optamos por realizar uma busca com os seguintes termos: “comunidades periféricas virtuais Sorocaba”. Incluímos o termo “Sorocaba” para restringir a busca à nossa cidade. Retornaram cerca de 4.050 resultados. O primeiro resultado foi: “Comunidade R.A.P. Download@: Convicção Periférica”, que como o próprio nome diz, é um site para downloads. Depois, na lista, seguiram-se muitos outros endereços com títulos que sugeriam ligações das com movimentos sociais e com o hip-hop. Interessamo-nos pelos endereços relacionados ao movimento hip-hop, pois causou-nos um certo contentamento, perceber que pessoas, geralmente habitantes de zonas periféricas da cidade e, muitas vezes, malvistas e discriminadas por usarem roupas largas, fazerem grafite andarem de skate pelas ruas e cantarem músicas que falam de violência e da periferia, estarem encontrando um canal para expor suas idéias e para compartilhá-las com outras pessoas, que talvez morassem em localidades muito diferentes, mas que se identificassem com o movimento hip-hop.

Numa exploração superficial pelos resultados da busca, verificamos que a grande maioria dos endereços estava relacionada a sites de venda de produtos para a “comunidade hip-hop”: roupas, músicas, CDs e adereços para DJs, rappers, etc. Outros tantos eram sites e blogs de grupos de rap, feitos para oferecer download de músicas, divulgar agenda de shows e notícias do grupo.

Durante a exploração encontramos um blog intitulado “Posse: rima e revolução”. (<http://posserimaerevolucao.blogspot.com>). Identificamos nesse blog, tanto pelas imagens quanto pelo seu discurso, que ele se diferenciava dos demais, pois trazia palavras de ordem, conscientização e contestação social.

Como já foi dito, o objetivo deste estudo não é analisar, questionar ou criticar o movimento hip-hop ou seu membros, mas sim, estudar as formas de apropriação tecnológica e de constituição das comunidades virtuais que estariam sendo criadas por pessoas ligadas ao hip-hop, partindo de comunidades reais já existentes ou,

inversamente, das comunidades virtuais para mobilizações em espaços ou comunidades “reais”.

Nossa análise procurará:

- identificar as características dessas comunidades virtuais (blog e site) e suas motivações;
- observar de que maneira a apropriação tecnológica feita por seus membros amplia e fortalece os laços e possibilita ações;
- verificar se as ações (caso haja) ocorrem em algum espaço geográfico da cidade de Sorocaba que indique a forma de constituição dessas comunidades.

Antes de partirmos para as análises, fazemos uma crítica ao nosso procedimento metodológico. Por força, talvez, da presença recorrente da expressão “comunidades periféricas virtuais”, não percebemos que essa expressão encerra em si mesma um erro conceitual: se as comunidades são virtuais, elas não podem ser “periféricas”. Seus membros não precisam necessariamente ser moradores da periferia; podem ser, virtualmente, de qualquer lugar. Não há periferia na rede mundial! Talvez o uso do termo “periféricas”, nesse caso, tenha se firmado mais por razões ideológicas ou mesmo para gerar um sentimento de pertença, do que propriamente para delimitar geograficamente as comunidades virtuais.

Feito esse aparte, vamos às análises.

Blog- Rima & Revolução

<http://posserimaerevolucao.blogspot.com> (último acesso em 16/08/2014)



Figura 1- Home do Blog sorocabano Rima & Revolução

Esse blog é de autoria do sorocabano Josué de Lima, e conforme ele se apresenta: “militante das causas sociais, envolvido com o hip-hop e disposto a traficar informação.” O blog foi aberto em 27 de dezembro de 2007 e teve sua última postagem em 12 de novembro de 2009, ou seja, este ativo por 23 meses. Nesse período o blog armazenou apenas 19 postagens. Os temas das postagens tratavam de: manifesto pela liberdade das rádios comunitárias, divulgação de grupos de rap que fazem parte da

posse Rima & Revolução; notícia sobre o encerramento da 3ª. Semana de Hip-hop de Sorocaba (que existe por determinação da Lei Municipal 7359/2005); divulgação de ações da *posse* na comunidade, tais como a formação de um coral infantil no CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano), sobre os dois anos de existência da Biblioteca Comunitária Zumbi dos Palmares, que possui 6 mil livros vindos de doações e fica no bairro Santo André II, periferia de Sorocaba; e uma notícia divulgando o sucesso do evento “Hip-hop no Natal- Vamos encher o saco do Papai Noel”, promovido pela *posse*. Há também uma notícia sobre a publicação do livro intitulado “A Síntese da Exclusão”, escrito como trabalho de conclusão do curso de jornalismo, por Felipe Shikama e Fernanda Marques, e que trata do Hip-Hop e da história de algumas comunidades periféricas de Sorocaba e da vida nelas, ressaltando o papel importante do hip-hop para algumas conquistas dos bairros.

Observando o blog de acordo com os 3 itens que orientam nossa análise, podemos dizer que:

a) Motivação para a abertura do blog.

Os três excertos das postagens (sic) feitas por seu criador nos ajudarão a entender a motivação para a abertura do blog:

Excerto 1

No dia 15 de Dezembro aconteceu no Parque das Laranjeiras Sorocaba, o hip hop no natal, que faz parte da campanha vamos encher o saco do papai noel.

O Evento arrecadou balas e doces para serem entregues no natal das crianças das favelas do nosso município.

Contamos com a presença do grupo Codigo Fatal e vários outros do interior de São Paulo, agradecemos a todos que participaram e de certa forma contribuíram para a realização de mais uma atividade da posse.(sic)



Figura 2 - foto do evento: “Vamos encher o saco do papai-noel”

Excerto 2

A construção de bibliotecas comunitárias tem sido desejo e a ação de muitas pessoas que trabalham para ampliar o acesso à leitura em cidades do interior e nas vilas e favelas da capital e de muitas cidades do Brasil... Algumas vezes, sem a ajuda inicial do poder público, tem gente que toca o barco sozinho. Apesar dos obstáculos, as

bibliotecas comunitárias já fazem parte da realidade de muitas pessoas, graças ao esforço de poucas. No bairro Santo André dois, na periferia de Sorocaba, o movimento cultural Rima e Revolução mantém uma biblioteca comunitária espaço cedido pela Cooperteto.(sic)



Figura 3- Crianças em frente à biblioteca comunitária

Excerto 3



Figura 4 - Monitora conversa com crianças do coral do CDH

A postagem que acompanhou a foto é: “Ana Paula conversas com crianças do coral do CDHU, mais um trabalho social da Posse Rima & Revolução.” (sic)

Observando as postagens acima, percebemos o blog realiza a função de divulgador, difusor, tal qual um jornal de bairro, das ações da *posse* Rima & Revolução.

b) Com relação às características da comunidade virtual.

É possível notar, pelas figuras 2,3 e 4 que se trata de um bairro carente e que seus moradores de fato, se organizam para conseguir seus objetivos, embora Josué de Lima se queixe do pouco apoio. A comunidade existe e é delimitada num espaço geográfico.

Observando, porém, que o blog tem apenas 19 postagens, sendo a maioria do próprio autor, concluímos que ele não chega a configurar, em si, uma comunidade virtual; apresenta-se mais como divulgador do trabalho da *posse*.

Talvez uma das explicações para a falta de postagens e, portanto, para a não constituição de uma comunidade virtual seja a dificuldade de acesso à internet, pelos moradores do bairro. Outra razão para a falta de postagens seria a falta de letramento, pois se a escola não o propicia, ele pode tornar-se mais difícil e demorado.

Por outro lado, mesmo que haja alguma forma de acesso à internet e que alguns moradores do bairro saibam usar o computador, é provável que não saibam, porém, como apropriar-se da tecnologia e das linguagens para finalidades diferentes das hegemônicas. Em outras palavras, não sabem que podem dizer o que pensam e sentem num blog e nem os impactos de suas vozes na web. E, como os moradores do bairro compartilham das mesmas informações e se conhecem, o conteúdo do blog torna-se redundante para eles. Assim, tendo uma comunidade que já se beneficia das ações (biblioteca e festa de natal), não haveria necessidade de se engajar na mesma comunidade no formato virtual.

É importante ressaltar as mensagens das imagens do blog. Conforme se pode ver abaixo, elas estão carregadas de mensagem de luta e resistência.



Figura 5- imagens ligadas à luta e à resistência

O blog Rima & Revolução reflete o caráter de genuíno idealismo e vontade de lutar de seu criador. A postagem a seguir ratifica essa impressão: “se querem transformar nosso movimento em mercadoria, nossa marca registrada será a resistencia!” (sic).

Não há dúvida que o blog trouxe visibilidade ao bairro e a Josué, que aumentou seu capital social promovendo o consumo de si mesmo e de seu blog.

O blog Rima & Revolução deixou de ser mantido a partir de novembro de 2009, mas seu criador, Josué de Lima, não abandonou a militância. Criou um site informativo, <http://www.linha42.com.br> para divulgar o que acontecia nos bairros (periféricos) Santo André II e Parque das Laranjeiras. Divulgou, por um certo período, palestras e ações

educativas, além da manutenção da biblioteca Comunitária Zumbi dos Palmares, que tem como lema: “O estudo é o escudo” e o Espaço Cultural Linha 42.

Considerações Finais

Iniciamos o presente estudo com a intenção de chegar a um bom entendimento do que seria o conceito de comunidade virtual, desviando-nos do debate sobre a existência de comunidades virtuais ou de redes sociais. Buscamos também, recolher exemplos de sites/blogs que tivessem como objetivo a criação ou manutenção de comunidades virtuais a fim de analisar suas características e verificar se sendo virtuais têm alguma influência no espaço físico de seus membros ou se sendo comunidades de base territorial por quais razões e com quais consequências migrariam para o virtual.

A pesquisa revelou-se mais difícil do que imaginamos. Primeiro porque o conceito de comunidade tem longa genealogia e é bastante difuso; além disso, conceituar comunidade virtual considerando o território virtual simbólico como um dos elementos em comum pareceu não dar a força coesiva do território geográfico à comunidade. De fato, o que observamos é que o blog analisado funcionou mais como meios de divulgação das comunidades, participantes e ações do que como ferramentas de interação e de aumento da coesão dos membros.

Prova disso é que as pesquisas no Google terminaram numa maioria de endereços para download de músicas, venda de moda jovem e divulgação de grupos de rap e shows.

Encontramos palavras de ordem pela resistência e pela luta e encontramos campanhas para doações e ajudas de vários tipos, mas não vimos reflexões sobre “porque alguns grupos se tornam deficitários e carentes e por que precisam ser ajudados, protegidos e tolerados e tampouco quais táticas permitiriam intervir nas decisões em prol de seus interesses.” COSTA (2009, p.13). A ajuda ao próximo torna-se um ato político onde se mostra que se tem e o que se pode, como se observa em eventos onde a entrada é um quilo de alimento, por exemplo, ou ainda na aquisição de roupas e apetrechos cuja renda é destinada aos necessitados da comunidade. Conforme Costa (2009, p.11), essa visibilidade é “uma política de representação que visa reabilitá-los (os grupos identitários) no cenário cultural como cidadãos dignos e merecedores de respeito...”

O pouco tempo de existência do blog estudado nos indica, talvez, a superficialidade dos investimentos feitos, que podem ser tanto uma característica dos tempos de hoje, quanto fruto de um entendimento equivocado das profundas questões sociais e políticas que a ação social implica.

Outro fator importante é o quanto dessa apropriação das tecnologias ainda parece estar distante das camadas menos favorecidas, pois embora alguns membros delas consigam abrir sites e blogs, ao que parece, a maioria não tem acesso ou, se tem, não sabe fazer uso da palavra (e de outros recursos comunicativos) para defender seus interesses e de sua coletividade. Sente-se a falta de uma escola realmente interessada nas questões sociais e políticas da periferia (mas não apenas nas periferias) e ciente do poder que a palavra e a tecnologia tem juntas.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BUZATO, Marcelo El Khouri. *Letramentos digitais, apropriação tecnológica e inovação tecnológica*, 2009. Disponível em < <http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais/g-1/letramentos-digitais-apropriacao>> Acesso em 20 fev 2013.
- COLEMAN, James (1990). *Foundations of social theory*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990.
- COSTA, Rogério da. *Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva*. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.9, n.17, p.235-48, mar/ago 2005.
- COSTA, Maria Vorraber. *Leitura e diversidade*. Conferência apresentada no 17º
- COLE- Unicamp, em 23/7/2009. Disponível em< http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/conferencias/Marisa_Costa.pdf> Acesso em 17/10/2011. (b)
- ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Para entender pós-modernidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- GOHN, Maria da Glória Marcondes. *A educação não-formal e a relação escola-comunidade*. In: Eccos – Revista Científica, UNINOVE, São Paulo, v.6, n.2,p.39-65. 2004.
- JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. Trad. Susana Alexandria. 2. ed. Amp. e atual. São Paulo: Aleph, 2009.
- LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2010. 5ª. Ed.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MACHADO, N. J. *Conhecimento e valor*. São Paulo: Moderna, 2004.
- PIMENTEL, Spensy. Hip Hop como utopia. In: ANDRADE, Elaine N. de.(org.) *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999, p.103-112.
- ROCHA, Janaina, DOMENICH, Mirella e CASSEANO, Patrícia. *Hip Hop: a periferia grita*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- RECUERO, Raquel da Cunha. *Comunidades Virtuais – uma abordagem teórica*. In: *Seminário Internacional de Comunicação*, 5, 2001, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre:

PUCRS, 2001. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>>. Acesso em: 10 agosto 2010.

RHEINGOLD, Howard. *A comunidade virtual*. Lisboa: Gradiva, 1996.

VANNUCCHI, Aldo. *A universidade comunitária: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.